

“Por que mistério sempre há de pintar por aí...”

Glória Fátima Costa do Nascimento

A palavra mistério é cheia de significados. Pode ser sinônimo de suspense (o que acontecerá na cena seguinte?), de segredo”, muito utilizado pelos “fofoqueiros de plantão”: não se pode contar a ninguém – o que é traduzido como “contemos para todo mundo”. Pode ser um enigma. A literatura voltada para casos amorosos entre vampiros, bruxinhos simpáticos é repleta de enigmas que, quando desvendados, levam a outros enigmas que, quando descobertos dão origem a novas histórias perfazendo uma narrativa “penopélica”.

Lembram-se da história de Penélope? Por vinte anos, Penélope esperou a volta de seu marido, Ulisses, da Guerra de Troia. Os anos passavam e não havia notícia de dele, nem se estaria vivo ou morto. Assim, o pai de Penélope sugeriu que sua filha se casasse novamente. Penélope, fiel ao seu esposo, recusou, dizendo que esperaria a sua volta. Porém, diante da insistência do pai e para não desagradá-lo, ela resolveu aceitar a corte dos pretendentes à sua mão, estabelecendo a condição de que o novo casamento somente aconteceria depois que terminasse de tecer um sudário para Laerte, pai de Ulisses. Durante o dia, ela tecia o tapete o qual “destecia” durante a noite, deste modo, durante muito tempo evitou o segundo casamento.

O mistério tem um tom de poesia, assim canta Djavan: “Meu bem querer é segredo é sagrado tá sacramentado em meu coração”. E é deste bem querer sacramentado no coração que quero falar: sagrado, segredo sacramentado, mistério.

O mistério reside no campo do sagrado. Segundo Eliade (2001: 17), mistério vem: do latim MYSTERIUM, do grego MYSTERION “rito ou doutrina secreta”, de MYSTES “pessoa iniciada em segredos”, de MYEIN “fechar”, porque ela, metaforicamente, fechava os olhos e boca para não ver nem revelar os segredos que tinha aprendido.

No Cristianismo, a imagem do bem querer, sacramentado no coração, atinge, então, uma dimensão especial, pois sacramento foi a palavra escolhida em Latim eclesiástico para traduzir MYSTERIUM. E o sacramento primordial é Jesus Cristo: ele é o Sacramento do Pai: “Ele é a imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), Ele é a presença real, eficaz, verdadeira do Pai entre nós: “Quem me vê, vê o Pai; eu estou no Pai e o Pai está em mim” (cf. Jo 14,9,10).

Nas palavras de Jesus é o Pai quem nos fala. Nos seus gestos é o Pai quem nos estende a mão. No seu carinho com as mulheres, com os pobres, fracos, ou excluídos, com os pecadores, é o Pai quem manifesta a sua ternura... Muitíssimas vezes, a Escritura afirma isso: “No princípio era o Verbo e o Verbo era Deus... e o Verbo se fez carne e habitou entre nós e nós vimos a sua glória. A graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer” (tirar itálico)(Jo 1,1.14.17-18). Jesus é Deus como o Pai; nele, o Filho amado, é a própria vida, a própria

presença do Pai que nos é dada. O Papa João Paulo II, na Encíclica *Dives in Misericordia* faz a seguinte afirmação:

Exigência de não menor transcendência, nestes tempos críticos e difíceis, levamos a descobrir, também, no mesmo Cristo, o rosto do Pai, que é «Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação». Lê-se na Constituição *Gaudium et Spes*: «Cristo, novo Adão... revela o homem a si mesmo plenamente e descobre-lhe a sua sublime vocação». E fá-lo precisamente «na revelação do mistério do Pai e do seu amor». As palavras citadas atestam com clareza que a manifestação do homem, na plena dignidade da sua natureza, não pode verificar-se sem referência — não apenas conceitual, mas integralmente existencial—a Deus. O homem e a sua vocação suprema desvendam-se em Cristo, mediante a revelação do mistério do Pai e do seu amor. (João Paulo II)

Jesus revela o amor do Pai. Pai e Filho enviam ao mundo o bem querer sagrado: o Espírito que nos consola e nos “acarinha” nas, por vezes, duras estradas da vida.

Continua, nesta mesma Encíclica, o Papa João Paulo II:

Deste modo em Cristo e por Cristo, Deus com a sua misericórdia torna-se também particularmente visível; isto é, põe-se em evidência o atributo da divindade, que já o Antigo Testamento, servindo-se de diversos conceitos e termos, tinha chamado «*misericórdia*». Cristo confere a toda a tradição do Antigo Testamento quanto à misericórdia divina sentido definitivo. Não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e parábolas, mas sobretudo *Ele próprio encarna-a e personifica-a. Ele próprio é, em certo sentido, a misericórdia*. Para quem a vê n'Ele — e n'Ele a encontra — Deus torna-se particularmente visível como Pai rico em misericórdia. (João Paulo II)

Mistério e misericórdia nos revelam um Deus amoroso que se faz presente na história da humanidade. Um Deus que nos “desconcerta”, já que tem como proposta amor ao inimigo: “Amai vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem, perdoais setenta vezes sete, a quem vos bater numa face ofereci também a outra” (Mt 5, 39.44;18,21)

Jesus nos apresenta um Deus compassivo.

Sua grandeza não consiste em vingar-se, castigar e controlar a história por meio de intervenções destruidoras. Deus é grande não porque tenha mais poder do que qualquer outro para destruir seus inimigos, mas porque sua compaixão é incondicional para com todos. (Pagola,2011:312)

Misericórdia, mistério e compaixão... Jesus nos apresenta um Deus acolhedor que chama a todos para uma luta não violenta pela Justiça. Não é um deus conformista, mas um Deus amorosamente “subvertor” de uma ordem estabelecida.

Em Mateus 25, 35-40, Jesus ensina o seu caminho misericordioso:

(...) tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estive na prisão, e foste me ver. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, (...), lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

Jesus, o Cristo, nos apresenta mais que uma proposta religiosa. Nos ofereceu um caminho de vida, através da experiência da comunhão com todos os seres vivos: homens, mulheres, crianças, plantas, árvores, minerais, animais, enfim com tudo que gera vida!

Você já prestou atenção na beleza de cada manhã? Ou no sorriso desta pessoa que está ao seu lado? Respirou fundo e sorriu para o menino que lhe pede dinheiro no sinal de trânsito?

Você já se indignou hoje com algum fato que faz o cotidiano ser pesado, cruel e injusto?

Já sonhou com a possibilidade de um mundo mais humano para todos?

Para refletir:

Guimarães Rosa em seu livro “Grande Sertão Veredas”, nos diz:

“Deus existe mesmo quando não há”. (...) “O Senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais”.

Como você articularia a palavra Mistério com estas frases?

Bibliografia:

- ELIADE, MIRCEA. *O Sagrado e o Profano*, a essência das Religiões. São Paulo, Martins Fontes, 2001
- GARCIA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001
- PAGOLA, J. A. *Jesus aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011, 2ª ed.